

Notícias sobre um estudo cognitivo sócio-histórico da polissemia de “vacina”

News about a socio-historical cognitive study of “vaccine” polysemy

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v7iespec.42818>

A. Ariadne Domingues Almeida

Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia. Realizou estágio pós-doutoral em Linguística (UNEB-PNPD-CAPES). Professora associada do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, atuando na sua Graduação em Letras e no seu Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Dedicase aos seguintes temas de pesquisa: sistemas adaptativos complexos; história do sistema conceptual; categorização, conceptualização, metáforas, metonímias, multimodalidade e memes.

E-mail: ada.domingues@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9641-2530>

Elisângela Santana dos Santos

Possui Doutorado em Letras pela Universidade Federal da Bahia, tendo realizado estudos na Universidade Católica Portuguesa (PDEE-CAPES). Possui Mestrado em Letras e Linguística, Especialização em Língua e Literatura Vernáculas e Graduação em Letras, também pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. Atualmente é Professora Titular do curso de Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia – Campus II e atua como Professora Permanente e Vice-Coordenadora do Programa de

Pós-Graduação em Estudo de Linguagens da Universidade do Estado da Bahia – Campus I. Desenvolve pesquisas sobre história da língua portuguesa, semântica cognitiva, polissemia, livros didáticos e multimodalidade.

E-mail: elisangelasantana2008@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7869-3746>

Neila Maria Oliveira Santana

Doutora em Língua e Cultura e Mestre em Letras pela Universidade Federal da Bahia. Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia - Campus XIV. Desenvolve pesquisas nas áreas de Linguística Cognitiva e Sociolinguística, atuando principalmente nos seguintes temas: categorização, conceptualização, metáfora, metonímia, variação e mudança linguística.

E-mail: neila.santana@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1767-2394>

RESUMO

Apresentam-se resultados preliminares de um estudo que objetiva verificar como é constituída a rede semasiológica do item léxico *vacina* e entender como se dá a construção dos sentidos dessa rede no decorrer do tempo. Como norte teórico, utilizam-se pressupostos da Semântica Cognitiva Sócio-Histórica, e, em particular, da Teoria da Metáfora e da Metonímia Conceituais, estabelecendo diálogos com autores, como Lakoff e Johnson (1980), Silva (2006), Santos (2011) e Fernández Jaén (2012). Para traçar o percurso metodológico, adota-se a abordagem qualitativa, de caráter descritivo-interpretativo, exploratório e documental, sendo o corpus constituído por textos escritos na variedade brasileira do português, entre os séculos XIX, XX e XXI, disponíveis em *corpora* digitais da Linguatca. Os resultados do estudo mostram que, no lastro temporal, registram-se mudanças e variações na semasiologia de *vacina*.

Palavras-chave: Polissemia. Vacina. Semântica Cognitiva Sócio-Histórica. Metáfora. Metonímia.

ABSTRACT

This study is presented some preliminary results to verify how the semasiological network of the vaccine lexicon is constituted and understand how the construction of the meanings of this network takes place over time. As a theoretical guide, assumptions of Socio-Historical Cognitive Semantics were used, and, in particular, of Theory of Conceptual Metaphor and Metonymy, establishing dialogues with authors, such as Lakoff and Johnson (1980), Silva (2006), Santos (2011), and Fernández Jaén (2012). To trace the methodological path, the qualitative approach is adopted, with a descriptive-interpretative, exploratory and documentary character, with the corpus consisting of texts written in the Brazilian variety of Portuguese, between the 19th and 20th centuries, available in digital corpora of the Linguatca. The results show that, during this period, there are change and variation in the vaccine semasiology.

Keywords: Polysemy. Vaccine. Socio-Historical Cognitive Semantics. Metaphor. Metonymy.

Introdução¹

Experiências que culminaram nas vacinas tais como as conhecemos hoje iniciaram-se no século XVIII. De lá para cá, os imunizantes tornaram-se a principal forma de prevenção contra várias doenças, podendo proteger o indivíduo, como também toda uma comunidade. Diante da atual situação sanitária mundial de contaminação pelo novo coronavírus (SARS-COV-2), as vacinas são um tema recorrente, geram diferentes debates, justamente por ser a forma mais eficiente para o enfrentamento desse vírus que tem apavorado todo o mundo. Nesse cenário, as discussões que afloram nas mais diversas sociedades contemplam, de um lado, as campanhas antivacinas e a falta de imunizantes para atender a toda população e, de outro, a eficácia, a segurança e as diferentes possibilidades advindas de distintas indústrias farmacêuticas, com diversos graus de imunização. A ampla necessidade de vacinação colocou o planeta para debater um assunto que antes não provocava maiores discussões.

Além do contexto da saúde, antes citado, em que o item léxico *vacina* tem sido usado com sentido de imunizante, nos últimos anos, com o avanço da tecnologia e do surgimento dos computadores e da internet, não tem sido difícil encontrá-lo em contextos discursivos da informática para designar ferramentas capazes de proteger os equipamentos dos mais diversos ataques cibernéticos.

Diante da sua recorrência em diferentes domínios da vida do ser humano, julgou-se ser necessário discutir a constituição da rede semasiológica de *vacina* para compreender sua polissemia e considerou-se pertinente procurar entender como se dá a construção dessa rede no tempo. Para isso, foram feitos os seguintes questionamentos: Haveria apenas esses dois sentidos constituídos para *vacina*? Como ocorre o uso desse item do léxico nas interações do cotidiano? Como sua semântica se atualiza no discurso ao longo do tempo?

Para responder às questões antes postas, o trabalho realizado foi pautado em pressupostos da Semântica Cognitiva Sócio-Histórica (SCSH), uma vertente dos estudos decorrente do fazer interdisciplinar entre a Linguística Cognitiva (LC) e a Linguística Histórica (ALMEIDA, 2020; SANTANA, 2019). Em face desse norte teórico, foram utilizados como aporte as contribuições de autores, a exemplo de Lakoff e Johnson (1980), Silva (2006), Santos (2011) e Fernández Jaén (2012). O

¹ Este artigo foi escrito para homenagear a memória da professora Rosa Virgínia Mattos e Silva que nos inspirou, com suas aulas e seus textos, a percorrer os meandros da história da língua portuguesa.

corpus para análise foi constituído por passagens de textos escritos nos séculos XIX, XX e XXI, disponíveis em *corpora* digitais da LINGUATECA².

A fim de proceder à apresentação do estudo empreendido, este artigo foi dividido em três seções, além desta Introdução, das Considerações Finais e das Referências. Na primeira seção, expõe-se uma breve revisão da literatura acerca da SCSH, enfocando, particularmente, a polissemia e os mecanismos metafórico e metonímico geradores de sentido. Na segunda, explicitam-se os pressupostos metodológicos utilizados para sua realização e, por fim, na terceira seção, faz-se o estudo do corpus.

1. O marco teórico

De modo geral, costuma-se definir polissemia como a capacidade que tem uma palavra de ser usada com distintos sentidos relacionados entre si e associados a diferentes contextos. Embora tenha sido estudada por pesquisadores das diferentes perspectivas teóricas da Linguística, o interesse em entender e pesquisar esse tema ganhou especial relevo na segunda metade do século XX, com o despontar da LC, inclusive, passando a ser objeto de estudo da SCSH.

Esse fenômeno semântico suscita questionamentos ainda sem respostas e ultrapassa a mera identificação, descrição e quantificação das diferentes acepções atribuídas a um item lexical. De acordo com Silva (2006), a polissemia é importante para qualquer estudo semântico da linguagem, da cognição e da cultura, pois é comum a todas as línguas naturais, sendo, pois, uma realidade conceptual e linguisticamente necessária.

Vale ressaltar que tal necessidade já havia sido apontada por Ullmann (1964), quando relacionou a polissemia ao princípio da economia linguística, destacando a sua eficiência:

Se não fosse possível atribuir diversos sentidos a uma mesma palavra, isso corresponderia a uma tremenda sobrecarga na nossa memória; teríamos que possuir termos separados para cada termo concebível sobre o qual quiséssemos falar. A polissemia é um fator inapreciável de economia e flexibilidade da língua [...]. (ULLMANN, 1964, p. 347).

Passado quase meio século da publicação do texto de Ullmann (1964), Fernández Jaén (2012) também corrobora a importância da polissemia como um recurso eficiente da cognição e da linguagem humana, por contribuir para a economia do léxico, já que os sujeitos categorizadores-conceptualizadores criam e incorporam novos significados, utilizando conhecimentos que já possuem.

² A LINGUATECA é um centro de recursos para o processamento computacional da língua portuguesa. Para uma breve descrição dos *corpora* que a compõe, pode-se consultar o seguinte site: <https://www.linguateca.pt/>.

Crê-se, em consonância com esse último autor, que a pesquisa desse fenômeno sob a perspectiva cognitiva sócio-histórica propicia uma melhor compreensão acerca da natureza do significado e de aspectos do funcionamento da mente humana na dimensão temporal. Nesse enquadramento, os sentidos de uma rede semasiológica polissêmica são decorrentes de operações cognitivas, e os categorizadores-conceitualizadores são responsáveis pela geração dessa rede, a partir da sua mente corporificada, das suas próprias experiências e do seu conhecimento enciclopédico. Salienta-se que o significado léxico não está simplesmente nas palavras, mas na relação que os sujeitos categorizadores-conceitualizadores estabelecem com os textos, com os discursos produzidos situados geo-sócio-histórico-cultural-político-ideologicamente.

Posicionamento semelhante havia assumido Bréal, autor da obra intitulada *Essai de Sémantique: science des significations*, publicada em 1897 - traduzida para o português como *Ensaio sobre semântica: ciência das significações*, em 1992 -, quando prenunciou a importância da história, da cultura e da subjetividade para o estudo da significação. Por supor que, ao acumular diferentes significados, um item léxico pode estar refletindo aspectos diversos da atividade intelectual e social, o referido autor veio a ser considerado o precursor do estudo da polissemia como um fenômeno não apenas linguístico.

Mais de um século depois, estudiosos retomam questões semelhantes, ratificando o que havia sido constatado e pondo novos desafios à compreensão do fenômeno polissêmico. Tem-se como exemplos Silva (2006), quando abordou a semântica do verbo *deixar* desde o latim; Santos (2011), ao tratar da polissemia do verbo *tomar* ao longo da história da língua portuguesa, e Fernández Jaén (2012), quando estudou a variação e mudança de sentidos de verbos de percepção do espanhol, entre outros.

Os trabalhos realizados têm confirmado que quase todos os elementos do léxico são mais ou menos polissêmicos em algum grau e, como demonstra Silva (2006), não só as palavras, mas também as outras unidades linguísticas são tipicamente polissêmicas tanto na linguagem quanto na mente, sendo o significado flexível e a interpretação o princípio fundamental da descrição semântica.

Há de se ressaltar, contudo, que, por se atrelar a necessidades sócio-comunicativas, o movimento semântico da polissemia nos diferentes contextos não é completamente previsível, se considerado um longo período do tempo, embora as variações e as mudanças não ocorram de forma aleatória, uma vez que, no fluxo do tempo, há um equilíbrio instável entre os sentidos, conforme demonstra Teixeira (2004) e Almeida (2018).

De acordo com essa abordagem, os novos significados que podem surgir emergem de outros com os quais se inter-relacionam, sendo construídos por similaridades parciais e por semelhanças de família que resultam de categorizações por prototipicidade e não mais por se enquadrarem em

condições necessárias e suficientes, como defendem teorias formalistas que buscam descrever como se dá o processo da significação.

Em outras palavras, todos os significados que venham a constituir uma rede semasiológica pertencerão a uma mesma categoria polissêmica e serão agrupados, em decorrência de associações e encadeamentos sucessivos estabelecidos por processos metafóricos, metonímicos, ancorados por transformações de esquemas imagéticos³. Daí, ser tarefa do(a) linguista cognitivo sócio-histórico interpretar e explicar o que propicia e como ocorrem as mudanças e variações de sentido de uma palavra, as quais são compreendidas como um processo de categorização que reflete a maneira como o ser humano conceptualiza o mundo e interage com ele. Assim sendo, não se pode tratar da polissemia e dos mecanismos cognitivos que a subjazem sem tratar de categorização e de conceptualização, uma vez que ambos são mecanismos cognitivos intrinsecamente atrelados à significação.

Embora seja considerada uma das questões centrais da SCSH, a categorização já havia sido estudada, na Antiguidade Clássica, por Aristóteles, que determinou, consoante assinala Mattos e Silva (1996, p. 17), uma série de distinções de classes que fundamentaram a gramática tradicional e ficaram conhecidas como categorias aristotélicas. Diferentemente da teoria clássica, na categorização baseada em protótipos, adotada neste estudo, não há fronteiras nítidas entre as categorias, pois as entidades que as constituem formam um *continuum*, visto que apresentam variados graus de integração, permitindo relações entre membros de diferentes categorias. Nesse caso, os traços definidores das classes não são estabelecidos a partir de suas propriedades necessárias e suficientes, ou a partir de seu valor de verdade, mas de semelhanças de família que os falantes percebem intuitivamente e de efeitos de prototipicidade.

Concomitantemente ao processo de categorização, ocorre a conceptualização que, conforme Silva e Batoréo (2010, p. 232)

consiste numa determinada perspectivação do conceptualizador relativamente a uma entidade ou situação. Quer isto dizer que a conceptualização envolvida no significado de uma expressão lexical ou gramatical não pode ser caracterizada somente em termos das propriedades do objecto de conceptualização, mas tem que necessariamente ter em conta o sujeito de conceptualização.

Para categorizar e conceptualizar, recorre-se aos mecanismos metafórico e metonímico. Ambos são fontes propulsoras de polissemia e se diferenciam não só por sua estrutura interna, mas pelos processos interpretativos que requerem. Trata-se de processos que geram mudanças e variações dos

³ Lakoff (1987) define os esquemas imagéticos como estruturadores de grande parte dos conceitos que circulam sócio-culturalmente, a partir das noções de espaço e de tempo.

significados do léxico, conforme já foi afirmado por diferentes cognitivistas, a exemplo de Silva (2006), Santos (2018) e Almeida e Santos (2019).

Partindo do princípio de que os significados são elaborados em processo de interação e de que a polissemia pode ser compreendida como reflexo de conceptualizações–categorizações metafóricas e/ou metonímicas de base esquema–imagética, considera-se necessário definir o que se entende por metáforas e por metonímias, no âmbito do fenômeno polissêmico.

Como já assinalado, a metáfora é responsável por gerar mudanças e variações nos sentidos atribuídos a um item léxico e isso ocorre quando são realizadas projeções de elementos de um domínio-fonte para um domínio-alvo, o que possibilita atribuir novos sentidos para um item léxico já existente. A metonímia também é propiciadora de novos usos semânticos lexicais, gerando novos sentidos; isso ocorre quando são associadas entidades contíguas em um mesmo domínio conceptual, permitindo a compreensão de um conceito em relação a outro.

Apresentado o norte teórico, segue a exposição do aparato metodológico para o estudo do corpus.

2. O percurso metodológico

Para o estudo empreendido, adotou-se a abordagem qualitativa e interpretativa, de natureza documental, exploratória e descritiva do corpus, visto que não se deteve em análises estatísticas do fenômeno abordado e buscou-se trazer o olhar do pesquisador, a partir da imersão em *corpora* constantes do Centro de Recursos para o Processamento Computacional da Língua Portuguesa, Linguateca. Além disso, procurou-se compreender o corpus que, por sua parte, foi constituído de fragmentos de textos autênticos, agrupados a partir do referido projeto em rede, e atentou-se para descrever os sentidos atribuídos ao item léxico *vacina* no material textual selecionado.

No que concerne aos procedimentos metodológicos, as ocorrências foram coletadas do projeto AC/DC (“Acesso a corpos”/ “Disponibilização de corpos”) e identificadas por “concordâncias”, ferramenta disponível no próprio Linguateca. Esses *corpora* permitem o acesso a material oral e escrito em Portugal e no Brasil; contudo, a pesquisa realizada deteve-se exclusivamente em textos escritos em português brasileiro e, assim, constituiu-se um corpus com fragmentos textuais dos séculos XIX, XX e XXI.

Ainda sobre os procedimentos metodológicos, realizou-se uma busca no dicionário etimológico de Cunha (1986), a fim de se verificar a origem do item lexical *vacina*. Em seguida, foram consultados outros dicionários desde o século XVIII, para verificar os sentidos propostos para esse item léxico ao

longo do tempo. Nessa etapa, foram averiguadas as obras lexicográficas a seguir listadas: Bluteau (1712-1728), Moraes (1789), Pinto (1832), Aulete (2021, 2021[1980]), Houaiss (2021) e Michaelis (2021).

Após essas duas etapas, fez-se um levantamento do item léxico *vacina* em textos escritos nos *corpora* consultados, a fim de localizar registros de usos dos séculos XIX a XXI, atendendo, assim, a uma exigência da SCSH, um modelo baseado no uso. Depois dessa coleta, inseriram-se os excertos em um documento do *Word*, com a finalidade de constituir o corpus a ser analisado. Além disso, fez-se uma pesquisa na internet, em textos técnicos e de divulgação científica do século XXI, através do motor de busca do *Google*, para confirmar ou não o comportamento semântico do item léxico estudado.

Ao final dessas etapas, os contextos levantados foram numerados em ordem crescente e em algarismo arábico e utilizados como exemplo para a discussão que foi paulatinamente realizada. A partir desse desenho metodológico, realizou-se o estudo do corpus cujos resultados são expostos em seguida.

3. Elementos para o estudo da polissemia de *vacina*

O dicionário de Cunha (1986) oferece não apenas o sentido etimológico do lema *vacina*, mas também já o apresenta como um elemento polissêmico do léxico, registrado no século XIX, especificamente, em 1844, embora se trate de um registro tardio, considerando que os seus primeiros usos são anteriores à década de 1840⁴:

Sf. 'orig. doença infecciosa, contagiosa, que acomete o gado, sob a forma de pústulas, e cuja transmissão acidental ao homem o imuniza contra varíola' 'ext. substância de origem microbiana que se introduz no organismo a fim de obrigá-lo a formar anticorpos que o defendam contra determinada doença' / -cci- 1844 | Do fr. *Vaccine*, do adj. *Vaccin*, deriv. do lat. *Vaccinus*, 'de vaca' [...] Cp. VACA. (CUNHA, 1986).

Por ser uma palavra com registro relativamente novo, os dicionários mais antigos, como o latino-português, Bluteau (1712-1728), e como o primeiro dicionário moderno da língua portuguesa, Moraes (1789), não trazem um verbete para defini-la. Quando o Bluteau, no século XVIII, 1712-1728, foi publicado, e, quando havia sido efetivada, no final da mesma centúria, a publicação do

⁴ Houaiss (2021), no verbete *vacina*, na aba destinada à etimologia, informa: “fr. *Vaccine* (1799) 'pequena varíola das vacas que, inoculada no homem, pode imunizá-lo contra a varíola', este do lat. cien. (*variola*) *vacina* no sentido de 'varíola das vacas'; ver *vacin(i/o)-*; f.hist.1803 *vacina*, 1836 *vaccina*”. Além disso, na Hemeroteca, documentam-se usos do início do século XIX. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700142x&pesq=vaccina&pasta=ano%20180&pagfis=2540>. Acesso em: 19 fev. 2021.

Moraes, em 1789, o experimento de Jenner, que culminou na elaboração do imunizante e que ensejou a nova criação léxica para nomeá-lo, provavelmente ainda não havia sido realizado⁵.

No século XIX, *vacina* já era uma palavra que apresentava a necessidade de ser definida em um dicionário. Talvez, porque se tratasse de um termo, isto é, de um elemento do léxico usado em uma área especializada do conhecimento humano. Em tese, os termos não se caracterizam por serem polissêmicos. Talvez, por isso, o dicionário de Pinto⁶, datado de 1832, no verbete destinado ao lema *vacina*, apresente-o como parte do léxico da medicina e em estado de monossemita: “Vaccina s.f. [T. Med.] Espécie de beixigas a que são sujeitas as vaccas em alguns paizes com cujo vírus se inocula à gente, para se preservar das beixigas.” (PINTO, 1832).

Se comparadas as informações semânticas constantes do referido verbete desse dicionário mais antigo aos verbetes das atuais obras lexicográficas consultadas, será constatada uma ampliação da rede semasiológica de *vacina*, demonstrando que também as unidades terminológicas podem expandir sua teia semântica. Assim sendo, enquanto essa obra oitocentista traz apenas uma acepção para o item léxico em questão, trabalhos mais recentes apresentam-no como polissêmico, por conseguinte, verifica-se, nesse lapso temporal, uma mudança de registro da sua semântica que vai de uma monossemita para uma polissemia. Mas não só, pois pode haver também a flutuação no registro da sua própria polissemia, de modo que um mesmo dicionário em duas edições distintas pode expor um número diferente de definições para esse mesmo item do léxico.

Então, ao se compararem verbetes de edições do dicionário Aulete (2021 [1980], 2021)⁷, nomeadamente, a edição da década de 1980 e a atualizada, ambas disponibilizadas *online*, ver-se-á uma diferença no registro da sua polissemia. Na primeira, define-se *vacina* como:

s. f. || humor ou vírus especial, dotado de propriedade de preservar da varíola, e assim chamado por ter sido primitivamente tirado das pústulas que algumas vezes sobrevém às tetas das vacas. || Vacinação. || (P. ext.) Inoculação de germes patogênicos mortos ou de virulência atenuada (bactérias, fungos, protozoários) com fins preventivos (*imunização*) ou curativos (*vacina terapêutica*). || A substância que se inocula: *Vacina* antiptoiogênica, *vacina* contra a difteria. F. lat. *Vaccina*. (AULETE 2021 [1980])

Já a segunda edição traz uma polissemia de *vacina* mais restrita – com a apresentação de apenas duas paráfrases definitórias – e a definição mantida ainda possui uma redação distinta da exposta na

⁵ Conforme informações constantes do site da Fiocruz: “Em 1789, ele [Edward Jenner] começou a observar que as pessoas que ordenhavam vacas não contraíam a varíola, desde que tivessem adquirido a forma animal da doença. O médico extraiu o pus da mão de uma ordenhadora que havia contraído a varíola bovina e o inoculou em um menino saudável, James Phipps, de oito anos, em 4 de maio de 1796. O menino contraiu a doença de forma branda e, em seguida, ficou curado”.

⁶ Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/3/vaccina>. Acesso em: 16 fev. 2021.

⁷ Disponível em: <https://www.aulete.com.br/vacina>. Acesso em: 16 fev. 2021.

edição anterior. Essa restrição pode ser indicativa de uma mudança na rede semasiológica desse termo, uma vez que, enquanto a mais antiga não o define como um antivírus, a atual não oferece outras acepções presentes na mais antiga, para além da acepção que se manteve modificada:

1. Farm. Imun. Substância (microrganismos patogênicos fracos ou mortos) que se introduz no organismo (de pessoa ou animal) para suscitar reação imunológica e com isso proteger da doença transmitida por esses microrganismos ativos
 2. p.ext. Inf. Programa com o qual se protege o computador do ataque de vírus; ANTIVÍRUS (X) [...]
- [F.: Do lat. *vaccina*. Hom./Par. *vacina* (sf.), *vacina* (fl. de *vacinar*)]. (AULETE, 2021)⁸.

O cotejo dessas duas edições favorece conjecturar, então, que sentidos teriam deixado de ser usados e que um novo sentido teria sido convencionalizado a ponto de ser chancelado pela dicionarística. A consulta a outros dicionários valida essa hipótese, como demonstra o seguinte verbete do Houaiss (2021)⁹:

- 1 pus de vesículas que vêm às tetas das vacas e cuja inoculação no homem produz uma pústula que preserva da erupção variólica (*vacínia*)
- 2 farm, imun suspensão de microrganismos patogênicos, mortos ou atenuados, introduzida num organismo a fim de provocar a formação de anticorpos contra determinado agente infectante
- 3 p. metf.; INF programa destinado a impedir a contaminação do computador por um ou mais tipos de vírus determinados.

Ao comparar o verbete da edição mais recente do Aulete (2021) com a do Houaiss (2021), poder-se-ia pensar que o último dicionário manteve uma definição para um uso obsoleto de *vacina*, já que aquele não traz a primeira acepção constante desse último¹⁰. Então, resolveu-se consultar o Michaelis¹¹ para ratificar ou retificar essa hipótese:

FARM, MED

- 1 Suspensão de microrganismos patogênicos mortos ou atenuados que, introduzida no organismo, determina a formação de anticorpos capazes de torná-lo imune contra o vírus utilizado.
- 2 Pus de pústulas encontradas nas tetas das vacas e que, inoculado em uma pessoa, a torna imune à erupção variólica.

⁸ Disponível em: <https://www.aulete.com.br/vacina>. Acesso em: 16 fev. 2021.

⁹ Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#1. Acesso em: 16 fev. 2021.

¹⁰ Poder-se-ia pensar, ademais, que o Aulete (2021) deixou de registrar um sentido atribuído ao item léxico *vacina*, apresentado pelo Houaiss (2021). Mas ao considerar a existência da edição anterior desse dicionário, apresentada inclusive, ao lado da atual, descartou-se inicialmente essa possibilidade.

¹¹ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/vacina/>. Acesso em: 16 fev. 2021.

3 INFORM Programa usado para impedir a contaminação por um ou mais tipos de vírus determinados em um programa ou em um sistema de computador.

Com a consulta realizada, averiguou-se que o Michaelis (2021) documentou os mesmos sentidos registrados pelo Houaiss (2021), de sorte que apenas se diferenciam pela redação das paráfrases e pela ordem da exposição dessas acepções.

O estudo das definições constantes dos dicionários consultados permitiu concluir que a rede semasiológica de *vacina* deve ser constituída por três sentidos¹², além do sentido etimológico, já aduzido por Cunha (1986):

Sentido I: pus de pústulas encontradas em tetas de vacas, inoculado, no ser humano, com a finalidade de torná-lo imune à erupção variólica (*vacina*).

Sentido II: suspensão de patógenos, mortos ou atenuados, que é introduzida em um organismo, a fim de formar anticorpos para imunização contra doença transmitida por um microorganismo infectante.

Sentido III: programa utilizado para impedir a contaminação do computador por vírus. ANTIVÍRUS.

Sentido etimológico: “orig. doença infecciosa, contagiosa, que acomete o gado, sob a forma de pústulas, e cuja transmissão acidental ao homem o imuniza contra varíola’ [...]”. (CUNHA, 1986).

Em face dessa variação semântica no uso desse termo, além de ter buscado saber como se constituiu a sua rede semasiológica, procurou-se compreender como esses sentidos foram criados, a partir de sua etimologia. Com isso, inicialmente, ponderou-se que, para o sentido I ter sido originado do sentido etimológico, ocorreram os processos metonímicos PARTE-TODO e CAUSA-CONSEQUÊNCIA. Esse novo sentido I foi criado a partir da experiência de se usar parte do problema de saúde de um animal, a vaca, para sanar um problema de saúde de outro animal, o ser humano. Em outras palavras, a doença causa pus nas vacas e o pus, causado pela doença nas vacas, dá imunidade ao ser humano, embora o processo de criação efetivo da vacina não tenha sido direto entre esses seres vivos, como demonstra a história dessa técnica para a prevenção das doenças¹³.

¹² Não foram consideradas duas acepções do Aulete Original (2021) – 1) “Vacinação” e 2) “Inoculação de germes patogênicos mortos ou de virulência atenuada (bactérias, fungos, protozoários) com fins preventivos (*imunização*) ou curativos (*vacina terapêutica*)”, porque apenas foram registradas nessa obra, não se documentando assim nem na sua edição mais recente nem em outros dicionários consultados.

¹³ No site da Fiocruz, afirma-se que: “século XVIII, Edward Jenner descobriu a vacina antivariólica, a primeira de que se tem registro. Ele fez uma experiência comprovando que, ao inocular uma secreção de alguém com a doença em outra pessoa saudável, esta desenvolvia sintomas muito mais brandos e tornava-se imune à patologia em si, ou seja,

O sentido II, por sua vez, foi criado pela metonímia TODO-PARTE e CAUSA-CONSEQUÊNCIA, mas já não ocorre uma ligação direta com o etimológico, visto que foi gerado a partir da extensão do sentido I, isto porque a experiência de imunização com a varíola possibilitou pensar e agir, no sentido de expandir o processo de prevenção para outras doenças decorrentes de outros patógenos, elaborando, assim, o sentido II. Sobre essa questão, vale observar, inclusive, que o papel da metonímia na criação desse sentido é conhecido pelos conceptualizadores-categorizadores-escreventes, ao menos daqueles da área da saúde, como demonstra uma postagem de um texto intitulado *Como surgiram as vacinas?*¹⁴, publicado no site da Fiocruz:

Jenner desenvolveu a vacina a partir de outra doença, a cowpox (tipo de varíola que acometia as vacas), pois percebeu que as pessoas que ordenhavam as vacas adquiriam imunidade à varíola humana. *Consequentemente, a palavra vacina, que em latim significa “de vaca”, por analogia, passou a designar todo o inóculo que tem capacidade de produzir anticorpos.* (Grifos nossos).

Como se pode ver na postagem antes apresentada, não há referência à metonímia, mas fica evidente o entendimento da sua atuação, na elaboração do sentido II, quando o conceptualizador-categorizador-escrevente afirma que a palavra *vacina* passou a nomear qualquer substância com potencial de criar resposta imunológica contra um patógeno.

Por fim, no sentido III, ocorre um processo metafórico em que um domínio-alvo é parcialmente entendido em termos de um domínio-fonte. No caso, a metáfora viabilizou que a experiência com programas que se instalam disfarçadamente em computadores para lhe causar danos fosse entendida em termos do mecanismo de prevenção usado contra patógenos que contaminam humanos e outros seres vivos, causando-lhes danos à saúde. Assim, a metáfora convencional MÁQUINA É SER VIVO está na base da compreensão do computador como um ser animado que pode perder a saúde, se não for devidamente protegido com as vacinas. Essa metáfora mais geral torna possível outras metáforas mais específicas – MALWARE É PATÓGENO e PROGRAMA DE PROTEÇÃO DO COMPUTADOR É VACINA – que, em rede, ancoram essa conceptualização-categorização.

Note-se que o sentido III só foi possível devido a semelhanças de família, possibilitadas por metáforas a partir do sentido II que, por sua parte, só se tornou viável também por semelhanças de família, possíveis através da metonímia estabelecida a partir do sentido I, que, por sua vez, advém, da mesma forma, de semelhanças de família, por metonímia, instituídas a partir do sentido etimológico.

ficava protegida”. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/perguntas-frequentes/69-perguntas-frequentes/perguntas-frequentes-vacinas/213-como-surgiram-as-vacinas>. Acesso em: 15 fev. 2021.

¹⁴ Disponível em: https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/?option=com_content&view=article&id=213:como-surgiram-as-vacinas&catid=69. Acesso em: 15 fev. 2021.

Apesar dessas semelhanças, o sentido III não se vincula diretamente nem ao étimo semântico de *vacina*, nem ao sentido I. Assim sendo, essa vertente da polissemia de *vacina* já não possui conexão aparente com a etimologia, assim como não é aparente a conexão do sentido II com o etimológico.

Além de ponderar sobre a geração dos sentidos da rede semasiológica desse item do léxico, considerou-se a importância de pensar sobre os usos efetivos identificados no corpus utilizado, por isso, buscou-se saber se esses três sentidos seriam, de fato, usados, bem como se o sentido etimológico ainda apareceria registrado ou se outros acham-se em uso. Feito esse estudo, verificou-se uma teia semasiológica mais restrita, de sorte que o levantamento feito ao *Linguateca*, apenas, permitiu identificar os sentidos II, de (01) a (07), e III, em (08) e (09), não registrando nem o sentido I, nem o etimológico:

(01) Entre as tecnologias desenvolvidas no NIH e transferidas para várias partes do mundo estão testes para Aids e **vacinas** contra a hepatite A. “Acabamos de fechar também um acordo de transferência com a Índia para o desenvolvimento de uma **vacina** contra o rotavírus”, contou Salicrup.

(*Linguateca*, ANCIB, v. 8.3, 2004)

(02) Minha mãe dava uma mão, às vezes tinha que levar criança para tomar **vacina**, essas coisas.

(*Linguateca*, CD do primeiro e segundo HAREM, v. 3.2, 1992)

(03) De repente, porém, conta que já esteve aqui, que já foi preso no estado de sítio da **vacina** obrigatória com Jaques Ourique.

(*Linguateca*, Corpus Colonia 7.4, 1920)

(04) A **vacina** nada mais é do que uma infecção por vírus atenuada, ou seja, com sua força bastante enfraquecida.

(*Linguateca*, ECI-EBR, v. 11.4)

(05) Na conferência que tive com o doutor Tosta dei-lhe os 'clarecimentos precisos, e disse-lhe que de momento só poderia dispor de **vaccina** para 1000 animais, e que agora poderia ceder 'sa quantidade de vacina pela quantia de 2.500 contos, o que quer dizer que a vacinação de cada animal ficará por 250 réis.

(*Linguateca*, Tycho Brahe, v. 7.4, 1901)

(06) Acho que Vossa Excelência faria bem, prevendo o futuro, realizar também um contrato para o fornecimento da **vaccina** ao 'tado da Bahia.

(*Linguateca*, Tycho Brahe, v. 7.4, 1901)

(07) Como sabe, 'tá 'ta cidade infestada de variola, motivo pelo qual revacinei minha Família, e hoje, já depois de 15 dias de revacinação apresentou-se sua affilhada com febre e inguas de baixo dos braços, não sei se será proviniente da **vacina**, que na verdade, 'tão bastante grandes as feridas, ou se será outra qualquer cousa.

(*Linguateca*, Tycho Brahe, v. 7.4, 1897)

No material textual consultado, o sentido prototípico com maior saliência é, então, o II, por conseguinte, o I aparece com menor saliência:

(08) Uma boa pedida para quem quer se livrar dos problemas causados por vírus é a **vacina** «VirusScan», que detecta mais de 4.484 desses incômodos bicões.

(*Linguateca*, Coleção CHAVE, v. 9.2, 1994-1995)

(09) O «Central Point-Anti Virus» é mais uma **vacina** capaz de debelar possíveis epidemias digitais.

(*Linguateca*, Coleção CHAVE, v. 9.2, 1994-1995)

A ausência no corpus não quer dizer que os sentidos não identificados não circulem mais socialmente em textos técnicos ou de divulgação científica, especialmente, naqueles de natureza histórica. Uma consulta ao *Google*, por exemplo, permitiu saber da utilização de um sentido muito próximo ao I - apenas com uma perspectiva diferente, feita na erupção e não no pus - e, registrado no texto *Vacina e esperança sentidos que se unem em pandemia*¹⁵, publicado em 2021:

[...] Esta palavra [vacina] está desde a sua criação associada a um ato de ciência. Na sua origem significou «derivado de vaca» (em latim, *vaccina*), designação relacionada com a criação da vacina contra a varíola, no século XVIII, quando o médico inglês Edward Jenner descobriu que a *vacina*, *uma erupção derivada da varíola e caracterizada por ter pústulas com pus*, ao ser inoculada no ser humano, o imunizava contra a varíola. Assim surgiu a primeira vacina, e a palavra, com a evolução da ciência e com a criação de novas vacinas, passou a designar qualquer substância, preparada com agentes infecciosos que, inoculada num organismo, o protege de determinadas doenças (Grifos nossos).

E ainda possibilitou ter conhecimento do uso do sentido etimológico, documentado em um verbete da Wikipédia¹⁶:

A palavra "vacina" é derivada de *Variolae vaccinae*, a varíola dos bovinos, o termo cunhado por Jenner para designar a varíola bovina e usado no título da sua obra *An enquiry into the causes and effects of Variolae vaccinae, known by the name of cow pox* (Grifos do original).

Com o avanço das tecnologias, é natural que seja incomum o registro desses sentidos, uma vez que não há motivação para sua circulação social. Contudo, como fazem parte da história da humanidade, também, é possível que se documentem aqui e ali em textos do domínio discursivo

¹⁵ Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/vacina-e-esperanca/4357>. Acesso em: 19 fev. 2021.

¹⁶ Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Vacina_contra_a_var%C3%ADola#:~:text=A%20palavra%20%22vacina%22%20%C3%A9%20derivada,recorso%20a%20uma%20agulha%20bifurcada. Acesso em: 19 fev. 2021.

acadêmico ou com esse relacionado. Mesmo sendo provável que esses usos semânticos não mais ocorram, para além desses empregos muito específicos e restritos, antes mencionados, não é possível afirmar categoricamente, sem a realização de uma robusta pesquisa, o encaminhamento para o completo desuso, porque não é possível saber se é empregado ou não nos rincões onde se falam variedades do português. Contudo, pode-se assegurar que esse levantamento, feito entre os dias 18 e 20 de fevereiro de 2021, na rede mundial de computadores, não o revelou para além de usos delimitados aos domínios discursivos anteriormente citados.

O acesso ao corpus possibilitou a proposição de outros questionamentos, além dos que já foram postos até aqui e, assim, tornou possível ponderar se, de fato, além do sentido de origem, só havia mesmo esses três sentidos identificados com a consulta aos dicionários e levantados no material textual ou se havia outros não cancelados pela dicionarística. Essa conjectura foi feita, considerando alguns casos que apresentavam atualizações do sentido II, além das variações típicas dos usos de *vacina* decorrentes das perspectivações que ocorrem *online*, durante a construção dos sentidos pelos conceptualizadores-categorizadores-escreventes. Em face disto, pensou-se sobre a problemática suscitada por Silva (2010), em relação a jogar a polissemia para cima ou para baixo. Seriam esses usos efetivamente novos sentidos gerados para *vacina* ou seriam empregos metafóricos criativos, decorrentes do contexto favorecedor de perspectivações incomuns que podem aflorar nas diferentes interações humanas do cotidiano?

Como os sentidos não estão nas palavras e como a linguagem é uma bússola que orienta a construção dos sentidos nos discursos *online*, considerou-se que as diversas atualizações do sentido I não se encontram dicionarizadas, porque não passaram pelo crivo da convencionalização, sendo consideradas usos criativos do cotidiano. Concluiu-se que essas atualizações são possíveis, porque, em alguns contextos, o domínio-fonte VACINA pode ser usado metaforicamente para a compreensão de outros domínios-alvo. Com o estudo do corpus, constatou-se que se recorre à VACINA, como domínio-fonte, para a conceptualização dos seguintes domínios-alvo: LINGUAGEM, ADMINISTRAÇÃO, ECONOMIA, QUALIDADE, SENTIMENTOS, ATOS e MOVIMENTO CULTURAL.

Então, como antes indicado, o domínio-alvo LINGUAGEM foi conceptualizado por meio do acionamento do domínio-fonte VACINA. Por conseguinte, mentira, em (10), informação, em (11), e opinião, em (12), foram compreendidas, em decorrência das distintas perspectivações realizadas pelos conceptualizadores-categorizadores-escreventes, como uma suspensão introduzida em um organismo, para formar imunização contra um patógeno e, em consequência, contra uma determinada doença:

(10) Uso as mentiras como **vacina** contra as essências das ilusões e das mentiras que prevalecem e encobrem a essência da verdade.

(*Linguateca*, Corpus Brasileiro, v. 6.1, 19--)

(11) «Droga é como Aids: informação é a **vacina**, prevenção é a cura.»
(*Linguateca*, Coleção CHAVE, v. 9.2, 1994-1995)

(12) A **vacina** das opiniões é difícil, não como operação, mas como aceitação do princípio.
(*Linguateca*, OBras, v. 10.4, 1892)

Também o domínio-alvo ADMINISTRAÇÃO foi compreendido a partir do domínio-fonte VACINA, isto porque a burocracia, ou seja, a estrutura administrativa, com hierarquia rígida e com excesso de formalidades, foi entendida em seus termos, conforme expresso em (13):

(13) “É mais fácil descobrir uma **vacina** contra a influenza (gripe) do que contra a burocracia.”
(*Linguateca*, Coleção CHAVE, v. 9.2, 1994-1995)

O mesmo domínio-fonte foi acionado para a conceptualização do domínio-alvo ECONOMIA. Em (14), a correção monetária, em (15), os recursos em moeda estrangeira e, em (16), os juros foram entendidos como VACINA, apresentando apenas algumas variações decorrentes de perspectivas distintas, como é possível verificar a seguir:

(14) Nunca é demais repetir que o capital e o capitalista são imunes à inflação pela **vacina** da correção monetária.
(*Linguateca*, Coleção CHAVE, v. 9.2, 1994-1995)

(15) Hoje, nossas reservas vão a 40 bilhões de dólares e são uma **vacina** contra fracasso.
(*Linguateca*, Coleção CHAVE, v. 9.2, 1994-1995)

(16) No Brasil, o juro é como uma «**vacina** para não ficar doente; para os dois outros países é um remédio para não morrer», diz o economista do Banco de Boston, José Antônio Pena Garcia.
(*Linguateca*, Coleção CHAVE, v. 9.2, 1994-1995)

Recorreu-se ainda ao domínio-fonte em pauta para a conceptualização do alvo QUALIDADE, de modo a compreender a prudência, isto é, a virtude de agir com cautela para evitar as inconveniências, o perigo, enfim, as consequências ruins de um ato, como uma proteção contra o sentimento de insatisfação de um indivíduo que não tem suas expectativas atendidas em relação a algo ou a alguém, como visto em (17):

(17) Essa prudência é como **vacina** contra possíveis frustrações.
(*Linguateca*, Coleção CHAVE, v. 9.2, 1994-1995)

Já em (18), o domínio-fonte VACINA foi utilizado para a conceptualização-categorização de dois domínios-alvo: EMOÇÕES (“alma”) e ATOS (“costumes”), entendidos como seres vivos que precisam ser imunizados contra os ditos patógenos do espírito humano, a exemplo da falta de empatia em relação à dor alheia ou da corrupção:

(18) Mas a **vacina** não se deve limitar ao corpo; é preciso aplicá-la à alma e aos costumes, começando na palavra e acabando no governo dos homens.

(*Linguatca*, OBras, v. 10.4, 1892)

Vale observar que a conceptualização-categorização metafórica exposta em (18) parece caminhar para a convencionalização¹⁷.

Por fim, em (19), um MOVIMENTO CULTURAL foi entendido como VACINA, mas um tipo especial de imunizante, devido à menção explícita à renovação estética na arte brasileira que foi pleiteada pelo movimento antropofágico, nascido em 1922:

(19) Mas a antropofagia brasileira continua portando devires através de sua «**vacina** antropofágica», prescrita por Oswald em um dos Manifestos, 219 Rolnik faz essa observação sem nomear qualquer grupo que seja.

(*Linguatca*, Corpus Brasileiro, v. 6.1, 19--)

Com o estudo empreendido, concluiu-se que, nesses casos, não é possível afirmar que são novos sentidos do item léxico *vacina*, advindos de II, mas que são usos contextuais que decorrem de enquadramentos criativos de outros domínios em termos do domínio-fonte VACINA.

Indo além do estudo do corpus, vale destacar, considerando o atual momento de pandemia vivido pela humanidade, que, de outra natureza, são os desdobramentos do sentido II criados pela imaginação humana, diante da crise sanitária gerada pelo novo coronavírus. Assim, atualmente, em face da experiência com a pandemia de COVID-19, um novo uso semântico de *vacina* tem sido feito e esse uso é atualizado pela expressão léxica *vacina de vento*. Trata-se de um sentido que pode não se convencionalizar, uma vez que decorre de uma experiência de uma negligência profissional ou de um crime praticado por técnicos de enfermagem que não injetam a substância que imuniza as pessoas contra a referida doença, conforme demonstram os exemplos em (20) e em (21):

(20) Vídeos que circulam na internet mostram a aplicação de seringas vazias e os casos se tornaram virais pelas redes sociais como sendo de "**vacina de vento**"¹⁸.

¹⁷ Como exemplo, citam-se: vacina contra o amor, vacina contra relacionamentos tóxicos, vacina contra homens.

¹⁸ Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/como-conferir-vacinacao-covid-19>. Acesso em: 19 fev. 2020.

(21) RIO DE JANEIRO (Reuters) - A Polícia do Rio de Janeiro e o Conselho Regional de Enfermagem do Estado (Coren-RJ) abriram investigações sobre profissionais de saúde suspeitos de desvios de doses de vacina contra o coronavírus que aplicaram a chamada "**vacina de vento**" em idosos que foram a locais de vacinação para serem imunizados contra a Covid-19¹⁹....

Expostos os resultados do estudo empreendido sobre a polissemia de *vacina*, tecem-se as últimas palavras do artigo.

Considerações finais

O estudo demonstrou que a teia semasiológica do item léxico *vacina* sofreu mudança e variação na flecha do tempo ocasionadas por processos metonímicos e metafóricos. Enquanto o sentido etimológico deixou de ser usado no cotidiano, sendo apenas empregado em contextos discursivos muito restritos, como os técnicos-históricos, o sentido I é basicamente empregado em textos específicos, apresentando um nítido processo de desuso, em decorrência dos avanços tecnológicos. Além disso, o trabalho empreendido evidenciou a existência de usos criativos, associados ao sentido II, que podem não se convencionalizar e deixou patente um uso que advém da conceptualização metafórica das emoções em termos de vacina, também interconectado ao sentido II, mas que, diferente dos outros sentidos identificados, parece caminhar para a convencionalização. O sentido III, por sua parte, não demonstra ampla produtividade no corpus, apesar de dicionarizado. Irá manter-se, diante da recorrente utilização do item léxico antivírus? Tão somente, o futuro poderá escrever os novos capítulos destas histórias.

¹⁹ Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2021/02/17/policia-do-rj-investiga-casos-de-aplicacao-de-vacina-de-vento-da-covid-19-em-idosos.htm>. Acesso em: 19 fev. 2021.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. A semântica sócio-histórico-cognitiva: antecedentes, estado da arte e propostas para o futuro. *In*: SANTANA, N.; ALMEIDA, A. A. D. **Semântica Cognitiva-Sócio-Histórica**: estudos sobre o significado. Salvador: EDUNEB, 2020. p. 23-62.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTANA, Neila Maria Oliveira. A semântica cognitiva sócio-histórico-cultural: questões epistemológicas. *In*: LOPES, Norma; SANTOS, Elisângela; CARVALHO, Cristina. **Língua e sociedade**: diferentes perspectivas, fim comum. São Paulo: Blucher, 2019, p. 113-132.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Emergência do léxico, emoção e construção de sentidos: um estudo sobre xerecuda. *In*: SANTOS, Elisângela Santana dos; ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SIMÕES NETO, Natival Almeida. **Olhares sobre o léxico**: perspectivas e estudos. Salvador: Eduneb, 2018. p. 27-48.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos. O estudo do significado léxico em Semântica Sócio-histórico-cognitiva. **Macabea**: Revista Eletrônica do Netlli, v. 8, n. 2, p. 136- 159, 2019. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MacREN/article/view/1932>. Acesso em: 22 fev. 2021.
- AULETE, Caldas. **Aulete digital**: dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Rio de Janeiro: LEXIKON Editora Digital, 2021 [1980]. Disponível em: <https://aulete.com.br/vacina>. Acesso em: 05 jan. 2021.
- AULETE, Caldas. **Aulete digital**: dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Rio de Janeiro: LEXIKON Editora Digital, 2021. Disponível em: <https://aulete.com.br/vacina>. Acesso em: 05 jan. 2021.
- BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino**: aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>. Acesso em: 05 jan. 2021.
- BRÉAL, Michel. **Ensaio de semântica**: ciência das significações. Tradução de Aída Ferras et al. São Paulo: EDUC & Pontes, 1992.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa**. 2 ed. rev. acresc. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FERNÁNDEZ JAÉN, Jorge. **Semántica cognitiva diacrónica de los verbos de percepción física del Español**. Tese (Doutorado) – Departamento de Filología Española, Lingüística General y Teoría de la Literatura, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Alicante, 2012. Disponível em: https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/26481/1/Tesis_Jorge_Fernandez_Jaen.pdf. Acesso em: 15 jan. 2019.

- FERNÁNDEZ JAÉN, Jorge. Aspectos cognitivos y construccionales de la evolución semántica del verbo tocar. **Anuari de filologia. estudis de lingüística**, v. 4, p. 93-118, 2014. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/AFEL/article/view/AFEL2014.1.6/13923>. Acesso em: 21 dez. 2021.
- HOUAISS, Antônio. **Grande dicionário Houais**. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#1. Acesso em: 16 fev. 2021.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, George. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LINGUATECA. **Projeto AC/DC**. Disponível em: <https://www.linguateca.pt/>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Tradição gramatical e gramática tradicional**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1996.
- MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/vacina/>. Acesso em 22 fev. 2021.
- MORAES, Antonio. **Diccionario da lingua portugueza** - recompilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antônio de Moraes Silva. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1789 [1813]. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/2>. Acesso em: 16 fev. 2021.
- PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da lingua brasileira por Luiz Maria da Silva Pinto**, natural da Provincia de Goyaz. Na Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/3>. Acesso em: 23 fev.. 2021.
- SANTOS, Elisângela Santana dos. **A polissemia do verbo “tomar” ao longo da história da Língua Portuguesa: um estudo à luz da linguística cognitiva**. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.
- SANTOS, Elisângela Santana dos. **Conceptualizações de leitura: aportes da Linguística Cognitiva para compreensão do significado**. In: ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos. **Linguística Cognitiva: redes de conhecimento d’aquem e d’além-mar**. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 183-208.
- SILVA, Augusto Soares da. **O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição**. Coimbra: Almedina, 2006.

- SILVA, Augusto Soares da. Polissemia e contexto: o problema duro da diferenciação de sentidos. **Estudos Linguísticos/Linguistic Studies**, Lisboa, n. 5, 2010, p. 353-367. Disponível em: <https://clunl.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/12/2018/02/5z1-augusto-silva.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2021.
- SILVA, Augusto Soares da; BATORÉO, Hanna Jakubowicz. Gramática Cognitiva: estruturação conceptual, arquitectura e aplicações. In: BRITO, Maria Brito (org.). **Gramática: história, teorias, aplicações**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010. p. 229-251.
- TEIXEIRA, José. O equilíbrio caótico do significado linguístico. **Diacrítica: Série Ciências da Linguagem**, v. 1, n. 18, Universidade do Minho, Braga, p. 189-207, 2004. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4335/1/caosSignific.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2021.
- ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Tradução de J. A. Osório Mateus. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.
- VACINA. In: **WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre**. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Vacina_contra_a_var%C3%ADola. Acesso em: 19 de fev. de 2021.